

Sexta-feira da Paixão

Antigo Testamento - Isaías 52:13 - 53:12 ; Gênesis 22:1-18 e Sabedoria 2:1,12-24.

O primeiro texto já foi comentado no Domingo de Ramos e o segundo (salvo pelos últimos quatro versículos) foi comentado no segundo Domingo da Quaresma. Gênesis 22: 15-18 traz a fórmula da promessa da descendência que, junto com a promessa da terra, é um dos fios condutores de Gn 12-50.

Nas teologias mais antigas da Bíblia não era considerada a possibilidade da vida eterna. A transcendência era vista principalmente através da descendência. A eternidade de uma vida seria igual à sobrevivência dos seus filhos e filhas e assim por diante para sempre (12:7; 13:15.16; 15:18; 16:10; 17:7-8 e aqui em 22:17). A promessa feita a Abraão é estendida a todas as nações da terra (v.18) dando-lhe caráter ecumênico (no sentido de "oikoumene" ou todo o mundo habitado).

O terceiro texto para a Sexta-feira Santa se encontra num livro "deuterocanônico" (chamado de "apócrifo" nas igrejas evangélicas) chamado Sabedoria ou Sabedoria de Salomão (portanto não se encontra na versão Almeida, mas apenas nas versões ecumênicas ou católico-romanas da Bíblia). O livro de Sabedoria (como Eclesiastes 1,1) é atribuído indiretamente a Salomão (6:24 e 7:5), mas na verdade é um tratado de sabedoria feito na capital do Egito na época do reinado grego do Ptolomeu (sucessores de Alexandre Magno). Alexandria era um grande centro intelectual que reunia a filosofia grega e oriental. Muitos judeus que moravam lá, conhecidos como "judeus helenistas" tentaram, através da tradução dos textos sagrados hebraicos e da elaboração de novos textos, tornar o pensamento judaico aceitável aos gregos. Essa tentativa passava por harmonizar questões como a transcendência da alma de Platão com a Ressurreição do Corpo de Daniel (12:2-3), mas também pela crítica a certos costumes gregos.

A primeira parte do livro (capítulos 1-9) onde se encontra o texto para este dia trata justamente da sorte de justos e injustos após a morte. Primeiro faz a crítica às pessoas que acham que a vida não é transcendente, que se esgota em si mesma e se destina apenas ao "Hades" ("Xeol" hebraico) ou mundo dos mortos (2:1). A crítica se amplia do pensamento errado para as ações de desrespeito à Vida perpetradas pelos que não entendem "os justos" que tem em Deus sua felicidade (v.12-20). Finalmente indica que enquanto a vida na justiça de Deus é incorruptível (eterna) os que desvalorizam a Vida não fazem mais que se entregar a pior das mortes (v.21-24). Com isso, o autor deixa claro que negar a transcendência da vida não é apenas negar a vida após a morte, mas negar o valor da Vida como um todo. No entanto a sensibilidade para a transcendência permite dar à Vida seu sentido divino. Da mesma forma a condenação de Cristo ("o justo") longe de significar uma derrota foi transformada em fonte de Vida. Respeitar a Cruz é respeitar a Vida superando qualquer tipo de desrespeito tanto contra a humanidade quanto contra a criação. (HMG)

Santo Evangelho - João 18:1-40 (19.1-37)

Todos somos constantemente surpreendidos em nossa vida por circunstâncias inesperadas. Estas circunstâncias inesperadas parecem ter a capacidade que nos elevar a uma alegria impensável ou a uma angustia inimaginável. Há dias em nossas vidas em que parece que tudo dá errado.

Embora saibamos, pelas Escrituras, que Jesus já esperava os acontecimentos que são descritos neste capítulo 18 de João, quando os eventos acontecem eles ainda têm a força destruidora de um furacão, varrendo o terreno e destruindo sua aparente ordem.

No texto deste dia encontramos Jesus passando por três momentos extremamente difíceis de sua vida: sua traição, sua negação e seu julgamento. Por estes mesmos momentos cada cristão também pode passar. É certo que eles serão sempre uma surpresa, mas está escrito que quem quiser servir ao Senhor piamente, padecerá perseguições.

Em primeiro lugar, as vezes somos surpreendidos pela traição.

A dureza deste ato reside no fato de que ele foi traído por um dos seus discípulos. João coloca o momento da traição depois da oração sacerdotal do Senhor no Getsêmane. Depois que Jesus ora pelos seus discípulos e pede a ação de Deus sobre eles para que eles sejam um, não amem o mundo e anunciem a palavra com destemor. Depois desta oração temos a traição de Judas. O cristão precisa estar sempre em oração, porque não sabemos de que lado poderemos receber um gesto de agressão ou de traição.

Em segundo lugar, as vezes somos surpreendidos pela negação.

Segundo o texto, Pedro e outro discípulo seguiam a Jesus. Outro Evangelho diz que Pedro seguia de Jesus *de longe*. Segundo a passagem de 15-18, Pedro estava na companhia dos algozes e, quando reconhecido, negou que conhecesse a Jesus. No Evangelho de Lucas se fala tanto do número de vezes que Pedro negou (três vezes) quando do fato que ocorreu logo em seguida: um galo cantou, fazendo com que ele se lembrasse da palavra do Mestre: "Três vezes me negará, antes que o galo cante" Lc 22:61.

Às vezes também temos que passar pelo difícil momento de ver aqueles que nos acompanhavam nos instantes mais alegres e nos mais difíceis virar o rosto e dizer ou fazer de conta que não nos conhece. Este é um momento muito duro para qualquer um – muito mais para Jesus que sabia que iria morrer - mas às vezes acontece conosco também.

Em terceiro lugar, às vezes somos surpreendidos pelo julgamento.

Neste texto, Jesus comparece diante de Anás e depois, diante de Pilatos. Pelas informações que temos, provenientes da Mishnah, o julgamento de Jesus foi, no mínimo, uma farsa. Não sabemos se o texto de 19-24 representou aquilo que Mateus, Marcos e Lucas descrevem como um interrogatório junto ao Sinédrio, mas quer tenha sido quer não, há evidências que atestam a irregularidade do julgamento junto ao Sinédrio: (1), primeiro porque o Sinédrio não poderia se reunir à noite; (2), porque há a presença de falsos testemunhos; (3), a pena de morte não poderia ser dada no mesmo dia do julgamento e (4), o Sinédrio não poderia se reunir às vésperas de um sábado ou dia de festa para julgar um processo capital.

Todos os cristãos estão diante da possibilidade de serem julgados por um juízo assim. Muitas vezes nos surpreendemos com uma justiça corporativa, uma justiça lenta ou, quando interessa, célere. Quantas vezes não somos alvos de falsos testemunhos, condenações injustas, julgamentos mal feitos?

Nosso Senhor passou por tudo isso também. Imagino que durante todo o tempo que passou entre sua traição e sua crucificação, uma imensa tristeza se apossou de seu coração. Ele foi traído por um dos doze, negado por alguém tão íntimo quanto Pedro, e julgado por aqueles que deveriam fazer a justiça.

A carta aos Hebreus nos diz no capítulo 2, verso 17 diz que "em todas as coisas" ele deveria se tornar semelhante a nós "para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote". Porque Cristo passou por todas estas decepções, ele também está apto a ser nosso sacerdote junto ao Pai. Sua experiência o credencia a ser um advogado qualificado a interceder pelos seus.

Não nos surpreendamos diante das dores, antes, confiemos que Deus nos deixa tentar além das nossas forças, mas com a tentação dará também o livramento. (JLFA)